

A Aids Após Três Décadas: Se a Doença Não é Uma Sentença de Morte, Por Que a Vida Deveria Ser?¹

Erick Lopes de ALMEIDA²

Lauriano Atílio BENAZZI³

Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, PR

RESUMO

A reportagem de cunho literário “A Aids após trinta anos: se a doença não é uma sentença de morte, por que a vida deveria ser?” foi produzida para a disciplina ‘Técnicas de Reportagem, Entrevista e Pesquisa Jornalística III’, do curso de Comunicação Social, com Habilitação em Jornalismo da Universidade Estadual de Londrina. Foi publicada na revista digital Amostra, produzida para a mesma disciplina, após os trabalhos de jornalismo de opinião e literário realizados ao longo do ano. A publicação ainda faz parte do grupo Peroba Prosa de publicações, que reúne as produções dos alunos do 3º ano de Jornalismo de 2012 da universidade. Teve como mote principal a esperança, não só dos soropositivos, mas de todos que acreditam na vida.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo literário; aids; reportagem; depoimento.

1 INTRODUÇÃO

Na década de 1970, Susan Sontag foi diagnosticada como portadora de câncer. Isso fez com que a escritora se dedicasse ao estudo da doença, a fim de compreender como surgiu a série de metáforas que a acompanhavam na cultura moderna. Tal estudo resultou no seu ensaio “Doença como metáfora”, de 1978. Nele, Sontag afirma que duas doenças sobrecarregam o indivíduo com um peso que ele não precisa carregar, provindo das metáforas discursivas incluídas no diagnóstico médico-científico.

Dez anos depois, na década de 1980, Sontag escreve um novo ensaio, corrigindo um possível equívoco: no ensaio de 1978, ela afirma que o câncer é a doença que mais foi afetada pelas metáforas no século XX. Entretanto, anos depois surge a nova doença, doença esta que é promovida, a principio, unicamente pelas metáforas a ela vinculadas, visto ser desconhecida da ciência até então. Susan Sontag compara as metáforas do câncer e da Aids.

¹ Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção em Jornalismo Literário e/ou de Opinião (avulso/ conjunto e série).

² Aluno líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, email: ericklopemeida@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor Mestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, email: lauriano.uel@gmail.com.

A autora foi a primeira a falar de um dado que até então ninguém tinha se dado conta: a Aids trazia consigo a morte social que precedia a física.

Foi essa morte social a motivadora da reportagem “A Aids após trinta anos: se a doença não é uma sentença de morte, por que a vida deveria ser?”, produzida para a disciplina 6NIC132 – Técnicas de Reportagem, Entrevista e Pesquisa Jornalística III, sob orientação e supervisão do Professor Lauriano Benazzi e publicada na revista digital Amostra, produzida para a mesma disciplina, após todo o trabalho realizado ao longo do ano, exercitando o jornalismo de opinião e literário.

Figura 1 – Capa da revista digital Amostra.



Fonte: Revista Amostra/2012

Nossa ideia inicial era uma reportagem que abordasse os travestis infectados pelo vírus nos dias de hoje. Como eram suas vidas, como são agora, formas de contágio, tratamento etc. Entretanto, travestis e transexuais fazem parte de um grupo de minorias incluído em um grupo já de minoria. Da mesma forma que muitos homossexuais fazem deles um gueto no gueto, eles próprios sentem dificuldades em falar sobre sua privacidade, o que faz com que o preconceito seja em via dupla e estereotipado.

Decidimos, então, lidar com o tema sem vinculá-lo a um grupo específico, sem alimentar o preconceito já existente. Nosso objetivo, agora, era focar no tratamento e na esperança dos infectados pelo vírus, independente de qual “grupo” pertencessem. Assim, consequentemente, as formas como cada um se contaminou iriam aparecendo e, naturalmente, se encaixando.

2 OBJETIVO

Verificar o panorama da aids e do soropositivo após 30 anos do primeiro caso diagnosticado no Brasil, abordando questões como dados atuais, convivência com o diagnóstico, preconceito e esperança.

3 JUSTIFICATIVA

“A peste de que nos acusam” (ABREU, 1983, p.116). Com essa frase, inicia-se no Brasil o falar sobre a Aids. Caio Fernando Abreu, que viria a morrer em decorrência do vírus em 1996, escreveu aquele que é, provavelmente, o primeiro texto literário a tratar do tema. Na fala desse personagem (Pérsio, da novela “Pela noite”), temos dois aspectos da questão ideológica da metáfora construída em volta da doença: o estatuto de *peste*, que inclui a Aids no cenário histórico de grandes epidemias (peste negra, tuberculose, lepra, sífilis, câncer etc.); a justificativa da *condenação/acusação*, que liga a doença às suas primeiras vítimas: os homossexuais do sexo masculino.

O viés literário, empregado no texto, coincidiu ao gênero que primeiro se debruçou sobre o tema. Ora, Flávia Péret (2011, p.63) afirma que a “imprensa gay brasileira, conhecida pelo humor e pela ironia, provocativa e insubordinada aos padrões sexuais convencionais, calou-se diante do temor que rondava a nova doença”. Enquanto isso, o outro lado da imprensa, não ligado ao movimento gay, e pouco se preocupando em levantar bandeiras contrárias a ele, chamava a Aids de “doença errada”, pois, se matava homossexuais, não era preocupação nacional, ao contrário das “doenças da pobreza”, que deveriam, e não eram, prioridade no Brasil (PÉRET, 2011, p.65). A revista que a pesquisadora cita diz, ainda, em edição datada em 14 de setembro de 1983, que não havia uma epidemia da doença, mas sim um surto dela, que logo seria sanado. Outros jornais iam mais longe: “Quando houve a peste suína no Brasil, a solução foi a erradicação completa dos porcos ameaçados de contágio. Portanto, a solução tem que ser a mesma: erradicação dos elementos que podem transmitir a peste gwei”. (TREVISAN, 1986, p.443).

Susan Sontag (2007) discorre exatamente sobre isso: o poder que a metáfora tem de embutir no termo conceitos que falseiam a realidade científica, inclusive os dois aspectos tratados anteriormente: *peste e castigo*. Entretanto, quando a Aids começa a atingir também

heterossexuais (em sua maioria usuários de drogas injetáveis e pessoas dependentes de transfusão de sangue), pensa-se que o preconceito pode ser aliviado. Mas não. Segundo Sontag (p.76),

[a] ideia de que a AIDS vem castigar comportamentos divergentes e a de que ela ameaça os inocentes não se contradizem em absoluto. Tal é o poder, a eficácia extraordinária da metáfora da peste: ela permite que uma doença seja encarada ao mesmo como um castigo merecido por um grupo de “outros” vulneráveis e como uma doença que potencialmente ameaça a todos. (SONTAG, 2007, p. 76).

Ao longo da década de 1980, comprovou-se que, independente de que grupo de pessoas a Aids atingisse, as metáforas estavam na doença, fazendo dela mais uma peste ideológica do que propriamente uma doença. Em *AIDS e suas metáforas*, Susan Sontag esclarece que geralmente as epidemias é que são consideradas pestes. É a partir da sífilis, na segunda metade do século XV, é que a metáfora nasce. Nesse momento, a peste passou a ser designada como castigo a uma pessoa que merecia ser castigada devido ao seu comportamento, em geral sexual.

Assim nasce o desejo de Sontag: fazer com que a doença fosse vista como doença, e não como metáfora, como aconteceu com a sífilis, tuberculose, câncer e Aids, por exemplo. Tal função caberia ao discurso científico ou jornalístico, porém, como escreve Marcelo Secron Bessa (1997, p.26), “a ‘realidade’ da AIDS é sempre fundada em dados que não são, necessariamente, científicos, mas que partem de considerações socioculturais de certo e errado, de posições etnocêntricas e completamente ignorantes a respeito da sexualidade humana.”. Logo, coube ao discurso jornalístico-literário essa função, ou a tentativa dela ao menos.

A linguagem desse gênero permite que os fatos sejam colocados com uma aproximação maior de sua realidade concreta, ao passo que os mesmos são explorados a partir de uma perspectiva que os aproximam do lírico, explorando a subjetividade que o tema pede.

A ideia, aqui, é registrar gestos, hábitos, costumes, vestuário, decoração e tudo que sirva para o leitor situar, deduzir, inferir melhor o estado de ânimo dos personagens focalizados pela matéria, os cenários dos relatos, a época, a posição que ocupam na sociedade ou que gostariam de ocupar. O objetivo é fazer o leitor captar uma impressão mais densa e completa da realidade que o relato reproduz (LIMA, 1993, p.50).

Para Edvaldo Pereira Lima (2004, p.161), “a narrativa jornalística é como um aparato ótico que penetra na contemporaneidade para desnudá-la, mostrá-la ao leitor, como se fosse uma extensão dos próprios olhos dele, leitor, naquela realidade que está sendo desvendada”.

Nos dias atuais, mais de três décadas do primeiro caso diagnosticado no Brasil, nos perguntamos como estaria a situação dos que são contaminados pelo vírus HIV. Como se dá o tratamento, como os soropositivos vivem, quais são suas expectativas de vida (social e biológica). Olham para a Aids como metáfora ou como doença? Justifica-se esse trabalho com seu objetivo, semelhante ao que Sontag (2007, p.87) tinha:

Meu objetivo era aliviar o sofrimento desnecessário – exatamente como Nietzsche o formulou numa passagem de *Aurora*, que encontrei recentemente: “Pensar sobre a doença! – Tranquilizar a imaginação do doente, para que ao menos ele não tenha de sofrer, como tem acontecido até agora, mais com o pensar sobre a sua doença do que com a doença em si – isso, a meu ver, seria alguma coisa! Seria muita coisa!”

A partir dessas perguntas e desse objetivo inicial, buscamos pesquisar e escrever, com tons de literariedade, a situação dos soropositivos e os tratamentos atuais. O preconceito ainda existe, na doença que ainda é vista sob todas as suas metáforas. Em contrapartida, podemos perceber como os soropositivos estão mais maduros, sendo mais críticos e concebendo a doença como o que ela é: doença.

Como afirma Susan Sontag (2007, p.11),

a doença é a zona noturna da vida, uma cidadania mais onerosa. Todos que nascem têm dupla cidadania, no reino dos sãos e no reino dos doentes. Apesar de todos preferirmos só usar o passaporte bom, mais cedo ou mais tarde nos vemos obrigados, pelo menos por um período, a nos identificarmos como cidadãos desse outro lugar.

Com isso, definimos o que é saúde para essas pessoas, pois

não existe uma saúde em si, e todas as tentativas de definir tal coisa fracassaram miseravelmente. Depende do seu objetivo, do seu horizonte, de suas forças, de seus impulsos, seus erros e, sobretudo, dos ideais e, fantasias de sua alma, determinar o que deve significar saúde também para o seu corpo. Assim, há inúmeras saúdes do corpo. E quanto mais deixarmos que o indivíduo particular e incomparável erga a sua cabeça [...] tanto mais nossos médicos terão que abandonar o conceito de uma saúde normal, juntamente com dieta normal e curso normal da doença (NIETZSCHE, 2001, p.12).

Falando sobre a doença, questionamos a definição de saúde. E de esperança.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Com a pauta elaborada e os objetivos traçados, definimos dividir a produção, a partir da pesquisa inicial, em dois momentos: visitas pré-agendadas ao Centro de Referência Dr. Bruno Pian Castelli Filho, parte do Centro Integrado de Doenças Infecciosas (CIDI) de

Londrina-PR, onde ocorre a identificação e tratamento dos pacientes soropositivos da cidade e entrevistas sigilosas com portadores de HIV/Aids.

No primeiro momento, fomos conhecer o Centro de Referência, seu funcionamento e rotina, para, então, agendarmos os dias em que passaríamos por lá em observação, coleta de dados e entrevistas. As visitas semanais duraram dois meses e foram entrevistados todos os profissionais da ambulatório: auxiliares administrativos, farmacêuticos, enfermeiros, infectologistas, urologista, ginecologista e obstetra, dentista, assistente social, psicóloga e coordenadora geral, para, então providos da visão panorâmica da situação e do trabalho realizado ali, fôssemos conversar com os pacientes. A partir também das entrevistas com os profissionais é que fomos encaminhados à ALIA (Associação Londrinense Interdisciplinar de Aids), ONG de apoio aos soropositivos e suas famílias da cidade, onde pudemos ampliar ainda mais nossa visão e compreensão do tema abordado. As conversas com os pacientes não foram gravadas, não por exigência de ninguém, mas por nossa própria iniciativa. Queríamos que o diálogo fosse o mais sincero e à vontade possível. Não estávamos ali para usar ou nos aproveitar do sofrimento de ninguém. Sentamos com calma, se pressa e sem escudos. O objetivo era estabelecer uma conversa em que compartilhassem as experiências e não que essas fossem extraídas. Ao todo, foram oito os pacientes entrevistados, entre homens e mulheres, de idades variadas, heterossexuais e homossexuais.

Para a finalização do produto, ou seja, sua concepção enquanto texto jornalístico sintetizador das visitas, observações, entrevistas, pesquisas, coletas e análises de dados, buscamos usar elementos considerados essenciais na grande reportagem, tais como: a humanização por trás dos relatos, a intensidade psicológica das tensões e dos dramas, os bastidores, transcendendo puramente os fatos e encontrando os liames de ligações entre eles. Afastando-nos do reducionismo míope da atualidade e encontrando um contexto completo de explicações da complexa realidade (LIMA, 1993).

Acreditamos que essas características, mais o apelo emotivo que procurávamos, seria possível graças à linguagem própria do jornalismo literário, visto que as impressões do repórter seriam reveladas, além de os diálogos serem empregados da forma mais natural possível, dando ritmo ao texto (LIMA, 1993).

Mas afinal, o que é jornalismo literário? “Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo.” (PENA, 2006, p.6). Felipe Pena, no artigo “O jornalismo Literário como gênero e

conceito” (2006), discorre sobre o que ele chama de “estrela de sete pontas”, na qual sete diferentes características imprescindíveis formam um conjunto harmônico.

O primeiro citado é a **potencialização dos recursos do jornalismo**, pois os mesmos continuam e não são ignorados. Ao contrário, continuam sendo fundamentais, como “a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, entre outras coisas”. (PENA, 2006, p.7).

Em segundo, **ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano**, rompendo com duas características básicas do jornalismo contemporâneo: a periodicidade e a atualidade. Questões como *deadline* e imediatismo não são mais preocupantes.

Em seguida, **proporcionar uma visão ampla da realidade**, que não é uma visão plena de tudo. A preocupação do jornalismo literário está em

contextualizar a informação da forma mais abrangente possível, o que seria muito mais difícil no exíguo espaço de um jornal. Para isso, é preciso mastigar as informações, relacioná-las com outros fatos, compará-las com diferentes abordagens e, novamente, localizá-las em um espaço temporal de longa duração (PENA, 2006, p.7).

Além disso, visa-se o **exercício da cidadania**, pensando como aquele tema “pode contribuir para a formação do cidadão, para o bem comum, para a solidariedade” (PENA, 2006, p.7).

Também a **quebra de conceitos como objetividade e agilidade** em prol da criatividade, elegância e estilo. Assim, quebra-se com o lide e aplica-se na reportagem as técnicas literárias de construção narrativa.

Depois, a **fuga dos definidores primários**, criando-se alternativas, ouvindo cidadãos comuns, fontes anônimas, ponto de vistas nunca antes abordados.

E, finalmente, a **perenidade**, isto é, uma reportagem escrita nos preceitos do jornalismo literário não pode ser efêmera ou superficial. O objetivo aqui, mais do que ser imediato, é ser permanente. “Para isso, é preciso fazer uma construção sistêmica do enredo, levando em conta que a realidade é multifacetada, fruto de infinitas relações, articulada em teias de complexidade e indeterminação” (PENA, 2006, p.8).

Sendo assim,

Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, transformamos permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose. Não se trata da dicotomia ficção ou verdade, mas sim de uma verossimilhança possível. Não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão

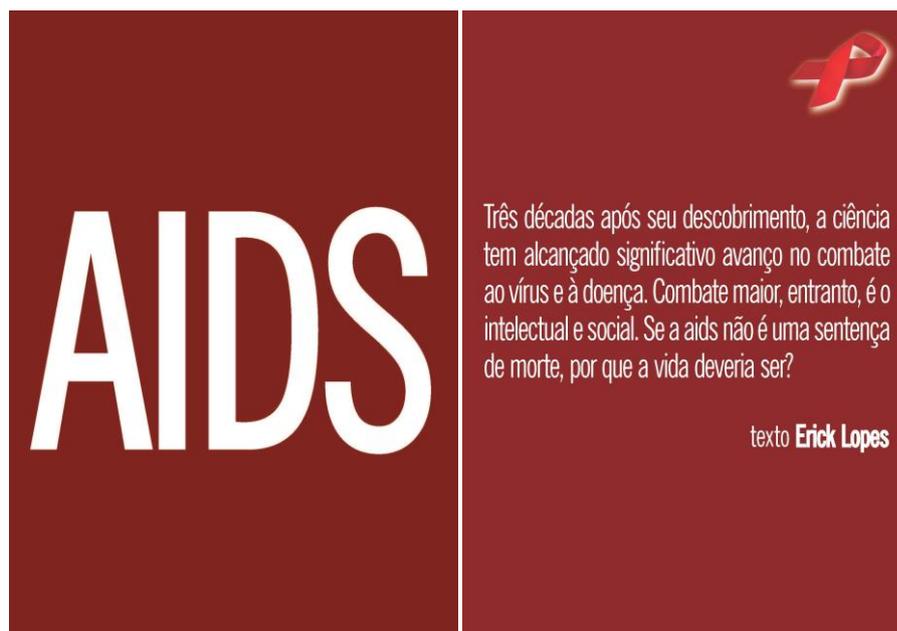
misturados. Não se trata nem de jornalismo, nem de literatura, mas sim de melodia (PENA, 2006, p.14).

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Como resultado final, construímos J. e N., personagens baseados nos entrevistados e seus depoimentos ao longo da produção. São eles que amarram nossa reportagem de cunho literário que totalizou aproximadamente 30.000 caracteres, dividida em três capítulos: “O início”, que traz um breve histórico da Aids no Brasil, além dos depoimentos de nossos personagens, abordando a descoberta do vírus e o que ele trazia consigo. O segundo, “A doença”, apresenta a doença em si. Como é prevenida, descoberta, avaliada, tratada e suas particularidades. Por fim, o capítulo “A vida” apresenta a ONG ALIA e retoma nossos personagens para que exponham suas visões de futuro, expectativas e esperanças.

A reportagem, com foto e ilustrações, foi publicada na revista Amostra, disponibilizada na rede social Issuu, <<http://issuu.com/perobaprosa/docs/amostra>>. A publicação faz parte do grupo Peroba Prosa (www.perobaprosa.com e perobaprosa.tumblr.com) de publicações, criado na disciplina ao longo do ano para se trabalhar textos jornalísticos opinativos e literários.

Figura 2 – Páginas de abertura da reportagem *A Aids após três décadas: se a doença não é uma sentença de morte, por que a vida deveria ser?*



Fonte: Revista Amostra/2012

Dentro dos paradigmas do jornalismo literário, a reportagem buscou, além de transmitir a informação, tocar o leitor e, assim, somar, construir, pois o jornalismo é também “uma forma de comunicação que se volta para o homem, em última instância, como seu foco central e como tal visa emocionar, ao lado da elucidação racional, para transmitir um retrato completo de temas que aborda” (LIMA, 2004, p. 21).

6 CONSIDERAÇÕES

“Eu me jogo sem medo. Preciso dar um *up* na vida”.

Essa é a frase final do personagem J. “Mas sigo em frente. Começo novos relacionamentos. E encerro também”. J. mostra como a vida pode ser diferente. Não pior ou melhor, mas simplesmente diferente. Sua cachorra, cega e doente devido à idade, prova isso. Ele joga a bola para ela brincar. A bola corre em direção a porta e cachorra também corre, conhecendo o caminho, e para exatamente antes de bater com o focinho na madeira. J. ensina que a vida é assim: arriscar-se mesmo não conhecendo nada, mesmo sob o risco de bater com a cara na porta e se machucar.

Pretendíamos primeiramente passar esperança com essa reportagem. Mostrar como a vida não acaba na primeira curva, que a doença não é uma sentença de morte. Entretanto, ao finalizar a reportagem, percebemos que quem foi mais embutido de esperanças fomos nós, os primeiros tocados pelos depoimentos. Soa clichê, sabemos, mas não poderia ser diferente, porque, sem querer, também fomos personagens, também fomos infectados e precisávamos vencer e crescer. Viver.

Quem sabe assim podemos jogar sem medo o jogo da vida, que não é, jamais, uma sentença de morte.

“Talvez tudo, talvez nada. Porque é sempre cedo demais e nunca tarde.”
(ABREU, 1996, p.257).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Caio Fernando. “Pela noite”. In: **Triângulo das Águas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

BESSA, Marcelo Secron. **Histórias positivas: a literatura (des)construindo a AIDS**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1993. Coleção Primeiros Passos.

_____. **Páginas Ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri: Manole, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia e a ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Aurora**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras: 2004.

PENA, Felipe. **O jornalismo literário como gênero e conceito**. Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1506-1.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2013.

PÉRET, Flávia. **Imprensa gay no Brasil**. São Paulo: Publifolha, 2011.

SONTAG, Susan. **AIDS e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da Colônia à atualidade. São Paulo: Max Limonad, 1986.